

UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM AUTO-DIRIGIDA NO ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO

Gilberto José Weinberger Teixeira

Professor Assistente Doutor do Departamento de Administração da FEA-USP

INTRODUÇÃO

O educador americano Malcolm Knowles (1977) escreveu o livro intitulado: "Aprendizagem auto-dirigida: um guia para alunos e professores".

Insatisfeito com a abordagem tradicional da educação, Knowles criou um método alternativo ao da "aprendizagem dirigida pelo professor" (método de educação tradicional), que é por ele intitulado de "aprendizagem auto-dirigida".

Foi também Knowles quem adotou a expressão Andragogia para designar a moderna abordagem de educação de adultos. Segundo ele, a educação de adultos não tem sido eficaz porque se utiliza dos

conceitos e métodos da Pedagogia, isto é, a ciência dirigida para a educação de crianças.

Desde o momento em que se considere a criança como um ser dependente do mundo adulto, a Pedagogia é capaz de solucionar os problemas de sua educação. No momento em que ela se torna psicologicamente adulta, ocorre uma mudança fundamental. Torna-se capaz de auto-direção; neste instante, desenvolve-se no indivíduo uma necessidade psicológica profunda de ser percebido, tanto por si mesmo como pelos outros, como um ser capaz de se auto-dirigir.

Toda a metodologia da aprendiza-

gem proposta por Knowles baseia-se nesse pressuposto. E para aplicá-la é necessário que se crie um ambiente na instituição de ensino em que o aluno auto-direciona o seu aprendizado; há nesta abordagem um intenso respeito à sua individualidade.

A auto-aprendizagem começa na fase de planejamento didático em que os próprios alunos assumem a responsabilidade de definir o que estudarão e como serão auto-avaliados. O professor assume o papel de "recurso disponível" e facilitador do processo de aprendizagem.

Em resumo, a aprendizagem auto-dirigida procura criar um ambiente que, na opinião de Knowles, é muito mais capaz de obter resultados em termos de aprendizagem do que o método tradicional, centralizado em aulas expositivas. No método proposto por Knowles os alunos tornam-se "aprendizes ativos", ao contrário do ambiente tradicional de ensino, em que são "recipientes passivos" de informações e conhecimentos. Os próprios alunos são responsáveis pela determinação do conteúdo a ser estudado, dos recursos utilizados e da velocidade em que se deverá processar a aprendizagem. Para Knowles, o professor é mais que um simples transmissor de informações. Seu

papel é ampliado para incluir a função de auxiliar os alunos na identificação e definição de seus objetivos de aprendizagem e na troca de informações de interesse mútuo.

Sob o novo enfoque, o aluno não vê os colegas como competidores na obtenção de notas, mas sim como pessoas a quem pode solicitar auxílio e com quem deve compartilhar suas "descobertas" de novos e excitantes conhecimentos.

Tendo estudado o enfoque de Knowles, decidimos aplicá-lo no curso de Didática do Ensino de Administração, disciplina obrigatória do curso de Mestrado/Doutorado em Administração na FEA-USP.

Sendo um método extremamente inovador, que rompe com conceitos e hábitos de ensino arraigados na comunidade acadêmica (alunos e professores), julgamos importante realizar um experimento controlado visando verificar qual a atitude dos alunos.

Foram comparados dois grupos de alunos do mesmo curso num total de 40 alunos. Um grupo foi submetido ao método tradicional de aulas expositivas e o outro submetido ao método da "aprendizagem

auto-dirigida”.

Estávamos particularmente interessados em verificar que efeitos as duas abordagens teriam sobre a forma como os alunos se sentiam no processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

Dois grupos de 20 alunos foram selecionados para o experimento. O primeiro recebeu o curso na forma tradicional: aulas expositivas, leitura de textos e provas de avaliação (tipo redação e múltipla escolha) para medir a assimilação do conteúdo coberto pelo curso.

No outro grupo foi adotado o método da “aprendizagem auto-dirigida”. O curso dos dois grupos foi realizado em 45 horas, com uma carga semanal de 3 horas e, portanto, com duração total de 15 semanas, que é o semestre letivo do programa de Pós-Graduação em Administração.

O grupo de “auto-aprendizagem” foi inicialmente instruído sobre o método. Em seguida cada aluno redigiu o seu próprio Contrato de Aprendizagem, onde especificou os objetivos da aprendizagem, bem como os recursos que seriam usados. Foram colocados à disposição dos alunos, como recursos de a-

prendizagem: material audio-visual, bibliografia, especialistas que poderiam eventualmente fazer conferências e o próprio professor, como preconiza Knowles.

Os alunos formaram o que Knowles denomina de Grupos de Consulta. A finalidade do Grupo de Consulta é dupla: em primeiro lugar, os alunos irão auxiliar uns aos outros na formulação do Contrato de Aprendizagem e, em segundo lugar, irão trocar informações e habituar-se ao trabalho em equipe.

O professor, no papel de facilitador e “recurso”, era chamado a ajudar na solução de problemas quando ocorria algum impasse e a esclarecer algum conhecimento. No seu novo papel, ele integrava-se ao grupo, fosse ouvindo as discussões, fosse compartilhando sua experiência e conhecimento com os alunos na discussão dos tópicos quando isso se fazia necessário.

Foi desenvolvido um questionário de 25 itens e testado nos dois grupos (ver Tabela 1). Um teste de consistência foi embutido no questionário, inserindo-se duas perguntas opostas (4 e 17).

A Escala de Avaliação usada, destinada a medir como os alunos se sentiam a respeito das 25 afirmações do questionário, foi uma esca-

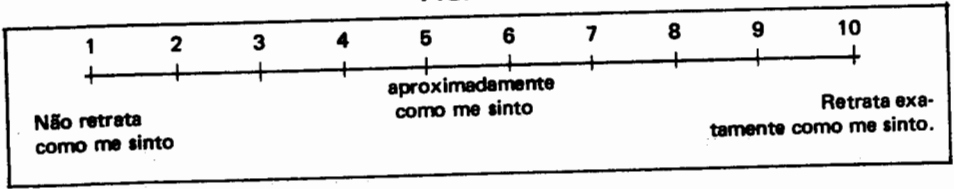
la de 10 pontos, com o extremo inferior definido pela afirmação "Não retrata como eu me sinto"; o meio da escala pela expressão "Retrata aproximadamente como me sinto" e o extremo superior da escala pela afirmativa "Sinto-me exatamente desta forma" (Fig. 1).

TABELA 1
MÉDIAS E NÍVEIS DE SIGNIFICÂNCIA DOS POST-TESTES DOS GRUPOS ANALISADOS

ITEM	Médias		Nível de Signif.
	GE	GC	
1. Sinto necessidade de o professor dizer o que deve ser estudado nesta disciplina	1.5	5.1	.01*
2. Julgo-me capaz de trabalhar em cooperação com meus colegas na determinação do conteúdo do curso	8.1	6.5	.01*
3. Julgo-me capaz de definir a velocidade que deve ser dada a minha própria aprendizagem	8.7	6.5	.01*
4. Não me sinto como um aluno que esteja aprendendo algo nesta disciplina	1.8	2.6	.23
5. Julgo que posso receber ajuda de meus colegas em relação às minhas necessidades e dificuldades de aprendizagem	7.2	6.0	.10
6. Julgo que sou capaz de identificar outros Recursos Humanos (além do professor e de meus colegas) que sejam apropriados para me ajudar a atingir meus objetivos de aprendizagem	7.2	6.1	.06
7. Acho que posso assumir a responsabilidade de minha própria aprendizagem nesta disciplina	9.0	6.6	.01*
8. Estou satisfeito com os meus resultados nesta disciplina	8.2	5.5	.01*
9. Julgo-me capaz de identificar minhas próprias necessidades de aprendizagem nesta disciplina	8.4	6.2	.01*
10. Acho que posso demonstrar que atingi meus objetivos de aprendizagem	8.9	6.4	.01*
11. Sinto necessidade da presença do professor instruindo-me quando devo estudar o conteúdo da disciplina	0.8	3.2	.01*
12. Sinto ansiedade de aprender o conteúdo desta disciplina	6.5	5.6	.24
13. Acho que posso ajudar meus colegas em suas necessidades de aprendizagem nesta disciplina	7.1	5.7	.02*
14. Acho que sou capaz de identificar os recursos materiais apropriados para que eu atinja meus objetivos de aprendizagem nesta disciplina	8.6	6.1	.01*
15. Sinto-me interessado no conteúdo desta disciplina	8.6	8.0	.22
16. Acho que posso identificar meus próprios objetivos de aprendizagem nesta disciplina	9.1	6.7	.01*
17. Sinto-me como um aluno que está aprendendo nesta disciplina	8.9	6.9	.01*
18. Sinto confiança em minha capacidade de aprender	9.0	7.5	.01*
19. Acho que posso receber ajuda do professor em relação às minhas necessidades e dificuldades de aprendizagem	8.6	7.2	.01*
20. Acho que estou competindo por notas com meus colegas nesta disciplina	1.4	4.9	.01*
21. Acho que sou capaz de determinar que assuntos me interessam nesta disciplina	9.2	7.3	.01*
22. Acho que posso determinar, com a orientação do professor, quando terei atingido os meus objetivos de aprendizagem nesta disciplina	8.6	5.7	.01*
23. Acho que tenho obtido sucesso na minha aprendizagem desta disciplina	8.6	7.0	.01*
24. Acho que meus colegas são "recursos" que podem me auxiliar na identificação de minhas necessidades de aprendizagem	7.5	5.4	.01*
25. Não me sinto bem como aluno nesta disciplina	2.5	2.6	.85

* Itens estatisticamente significantes

FIG. 1 ESCALA DE AVALIAÇÃO



O questionário foi aplicado aos dois grupos de alunos — o "auto-dirigido" (Grupo Experimental) e o "tradicional" (Grupo de Controle).

O teste "t" para a diferença entre as médias foi usado para comparar os resultados do Grupo Experimental com os do Grupo de Controle. O Coeficiente de Correlação de Spearman foi aplicado aos itens 4 e 17 para testar a consistência.

OS RESULTADOS

Os cálculos correlacionando os itens 4 e 17 para os dois grupos foram significantes ao nível de 0.01 (ver Tabela 2). Pode-se inferir a partir disso que os alunos dos dois grupos responderam de forma consistente.

Para dezenove dos vinte e cinco itens do questionário, foi significativa a diferença entre as médias dos dois grupos. Em cada um desses dezenove itens, para os alunos do Grupo Experimental (auto-dirigido) a média apontou na direção

(proximidade dos extremos) prevista pelos pressupostos teóricos descritos por Knowles como aprendizagem auto-dirigida.

As médias de seis itens do questionário não foram significativamente diferentes, entretanto, em cada um desses seis casos, com exceção do item 12, a média do Grupo Experimental apontou na direção prevista pela teoria. E em cada um dos casos, exceto também o item 12, o valor médio do Grupo Experimental está mais próxima da extremidade da escala do que era de se esperar o valor médio do Grupo de Controle (ensino tradicional).

DISCUSSÃO

Os itens do questionário podem ser agrupados em torno de certas suposições.

Suposição 1 — Os alunos que são expostos a aprendizagem auto-dirigida sentem-se capazes de tomar suas próprias decisões a respeito das necessidades de aprendizagem. Os itens 3, 6, 9, 10, 14, 16 e 21

TABELA 2
CORRELAÇÃO ENTRE OS ÍTENS 4 e 17

GRUPO	Coefficiente de correlação	Nível de Significância
Controle – GC (Aprendizagem Tradicional)	-.60	.001
Experimental – GE (Auto-aprendizagem)	-.78	.001

relacionam-se com esta suposição. Os dados indicam que: (1) podem identificar suas próprias necessidades e objetivos de aprendizagem; (2) podem determinar quais tópicos desejam estudar e a velocidade em que estudarão; (3) podem identificar os recursos necessários para abranger seus objetivos de aprendizagem; (4) podem verificar o atingimento desses objetivos. Em cada um desses casos, existe uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos, sendo as médias do Grupo Experimental (auto-dirigido), concentradas na proximidade do extremo "Retrata exatamente como me sinto" e as médias do Grupo de Controle (ensino tradicional) agregando-se nas proximidades da posição média do "continuum" da escala.

Suposição 2 – Os alunos auto-dirigidos sentem que são capazes de cooperar com seus colegas para atingir os objetivos de aprendizagem. Os itens 2, 5, 13, 20 e 24

estão ligados a esta suposição. Os resultados indicam que os alunos auto-dirigidos, muito mais que os do outro grupo, vêem seus colegas como colaboradores e pessoas que podem auxiliá-los na aprendizagem. O item 20 ressalta isto. As médias mostram que os alunos do Grupo Auto-Dirigido não sentem que estão concorrendo por notas com seus colegas. Por outro lado, no Grupo de Controle as médias indicam que os alunos se sentem concorrendo por notas com os colegas (no item 20 há uma diferença estatisticamente significativa entre as médias dos dois grupos).

Suposição 3 – Os alunos do Grupo Experimental sentem que são totalmente (ou muito) dependentes do professor quando se trata das decisões sobre suas necessidades de aprendizagem. Os itens 1, 11, 19 e 22 indicam esta suposição. Em cada caso existe diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos, demonstrando que os alu-

nos auto-dirigidos vêem-se a si próprios como relativamente autônomos quanto ao professor no que se refere a decisões sobre suas necessidades de aprendizagem.

Suposição 4 – alunos expostos a aprendizagem auto-dirigida fazem um bom julgamento de si próprios como "aprendizes". Os itens ligados a esta suposição são 4, 7, 8, 12, 17, 18, 23 e 25.

CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo indicam que alunos expostos ao método de aprendizagem auto-dirigida, defendido por Malcolm Knowles, sentem-se melhor como "aprendizes"

do que alunos submetidos ao tradicional método de aprendizagem dirigida. Eles sentem que podem tomar decisões por si próprios sobre as necessidades de aprendizagem; além disso, o que é muito importante, eles vêem no método uma forma de desenvolver a capacidade de decisão. Eles sentem também que seu relacionamento com os colegas é mais apoiado na colaboração e cooperação do que na competição.

Finalmente, os alunos auto-dirigidos sentem que alcançaram melhores resultados como "aprendizes" do que seus colegas submetidos ao Processo Tradicional.

BIBLIOGRAFIA

- KNOWLES, M.** – *Self directed learning: a guide for learners and teachers*, New York: Association Press, 1977.
- TEIXEIRA, G.** – *Andragogia: uma nova abordagem para educação de adultos*, Apostila do Curso de Pós-Graduação em Administração da FEA/USP, 1980.
- TEIXEIRA, G.** – *Contrato de aprendizagem na educação de adultos*, Apostila do Curso de Pós-Graduação em Administração da FEA/USP, 1980.